

A EDUCAÇÃO COMO PROPULSORA DO EMPODERAMENTO FEMININO NUMA VISÃO PSICANALÍTICA

Hérgiton Teodomiro Linhares Maia; Hérika Juliana Linhares Maia

*Associação Brasileira de Estudos Psicanalíticos, hergitonm@yahoo.com.br;
Universidade Federal de Campina Grande, erikajuliana@hotmail.com*

Resumo: É bastante peculiar a noção de mundo de uma mulher que retorna aos estudos depois de adulta, após anos afastada do espaço escolar, ou mesmo daquela que inicia sua trajetória escolar nessa fase da vida. Quem são essas mulheres que escrevem sobre si? Nesta perspectiva, este trabalho objetivou compreender a importância da educação como forma propulsora do empoderamento de mulheres em uma visão psicanalítica, sua ação transformadora e reparadora na vida destas como forma de suprir traumas inconscientes, demonstrados nos relatos escritos e como estas mulheres conseguiram representar-se socialmente a partir da educação escolar, sobressaindo-se, firmando-se e se empoderando como mulher, cidadã, provedora do lar e do seu espaço no mundo. O empoderamento feminino busca equalizar a assimetria de poder insistente em colocar as mulheres no lugar da subalternidade. Empoderar mulheres é promover a equidade de gênero em todas as atividades sociais e econômicas, melhorando a qualidade de vida dessas mulheres, para o desenvolvimento sustentável. É uma conquista da autonomia e da autodeterminação a partir da própria mulher, não sendo possível outra pessoa fazer isso por ela. Esta pesquisa foi realizada na Escola Estadual Antônio Guedes de Andrade, em Campina Grande – PB, com dez alunas, e teve um caráter qualitativo, onde se utilizou como instrumento para a obtenção dos dados a elaboração de um memorial. Os resultados obtidos pontuaram fatores para uma mulher poder abandonar os estudos, explicitaram os processos de ressignificação e resiliência de suas escolhas, evidenciaram a importância da representatividade do espaço escolar na recuperação da estima dessas mulheres, remetendo-se ao processo de empoderamento das mesmas, emancipando-as educacionalmente.

Palavras-chave: Mulher, educação escolar, Psicanálise, empoderamento.

INTRODUÇÃO

Ao observar a história sobre o gênero feminino e suas representações sociais, percebe-se que estas foram negligenciadas durante o processo histórico da humanidade, variadas e diversificadas concepções referentes à mulher foram construídas decorrentes de uma multiplicidade de fatores, um deles efetivamente é a escassez de fontes documentais relativas à figura feminina e ao seu universo social.

As palavras expressam as dialéticas experienciadas de mulheres, onde suas realidades forjam uma linguagem do não dito, mas vivido. Ao descobrir a história do silenciado nas entrelinhas dos escritos destas, encontram-se nos labirintos de palavras centelhas de verdades transcendentais às fronteiras dos espaços produzidos e preparados para sobreviverem à sombra dos seus mandatários. As mulheres empoderadas através da educação são aquelas que veem a escola não apenas como lugar para credenciarem-se ou aprenderem, mas também como espaço de convívio social e de promover a resiliência. Frequentando a escola podem mudar de status, tornarem-se estudantes,

encontrar colegas, conviver com outras pessoas, modificando o seu meio e conseqüentemente o de sua família e de sua comunidade.

Trabalhar com escritos e oralidade do universo das mulheres leva, necessariamente, a tecer considerações acerca das representações sociais e das relações de gênero, onde o empoderamento é vivificado, elencando todo esse introspecto em torno do gênero “mulher” e sua interface com a educação como forma de altivez, especificamente as mulheres alunas desta pesquisa, pertencente a uma comunidade rural de Campina Grande – PB.

Ao evidenciar a necessidade de entender o processo de representatividade destas mulheres, analisou-se a partir da vivência da educação escolar em uma visão psicanalítica os motivos que as levaram a espolar-se do âmbito escolar nos anos iniciais, seus traumas inconscientes, como foi seu processo de resiliência escolar, o que efetivamente fizeram durante esse espaço de tempo extraeducacional, quais as causas, conseqüências ou ações que as impulsionaram a retornar ao meio sapiencial, a emancipação de seus sonhos e a solidez da autoestima em afirmarem-se como mulheres, guerreiras, mães de família e detentoras de seus direitos para com seu corpo e sua vida.

Nessa perspectiva, o objetivo geral deste artigo foi realizar um estudo investigatório da trajetória de vida de um grupo de mulheres entre 30 e 45 anos, alunas da Escola Estadual Antônio Guedes de Andrade, em Campina Grande – PB, para entender como essas se representam através dos escritos e relatos de memórias, compreendendo a importância das representações sociais vislumbrada na educação escolar e sua ação transformadora e reparadora, estabelecendo uma ação de empoderamento em suas vidas, numa visão psicanalítica.

Como forma de estabelecer um referencial teórico-psicossocial e educacional capaz de sistematizar o proposto como dialética de investigação, tornou-se importante conhecer e analisar, a partir de uma leitura aprofundada nas esferas da educação, Psicanálise, da historicidade do gênero mulher, das representações sociais o sentido e o significado do termo “empoderamento”. Este, não muito comum, refere-se a uma ação social que visa a potencializar a conscientização civil sobre os direitos sociais e civis.

Esta consciência possibilita a emancipação necessária para a superação da dependência social e dominação política, devolvendo o poder e a dignidade a quem deseja liberdade de decidir e controlar seu próprio destino, com responsabilidade e respeito ao outro. Por último, foram expostas as considerações finais, procurando produzir um conhecimento sobre como as mulheres alunas são representadas, buscando uma correlação com os preceitos psicanalíticos e educacionais, enfatizando os conceitos estruturais da teoria das representações sociais e de gênero.

CONCEPÇÕES HISTÓRICAS DA FUNÇÃO DA MULHER

Muitas ideias sobre o gênero feminino e suas representações foram negligenciadas durante a formação histórica da humanidade, assim como variadas e diversificadas concepções construídas deste gênero. Decorrente de uma multiplicidade de fatores, um deles efetivamente é a escassez de fontes documentais relativas à figura feminina e o seu universo representativo social. Segundo Beauvoir (1980), toda a história das mulheres foi feita por homens.

De acordo com Priore (1998), deve-se identificar a mulher em cada lugar observável, nomeá-la, reconhecê-la e compreender em quais circunstâncias ela foi espoliada na sua relação oficial com o mundo masculino. O percorrer das histórias de vida das mulheres adultas leva-nos a considerar que as alunas têm: sexo, raça, religião, nacionalidade, como também estão inseridas em relação de gênero. Segundo Soares (2003), o gênero é mais uma especificidade a ser incluída na realidade do público da área educacional. De acordo com Louro (2000), gênero é uma construção social feita sobre as diferenças sexuais. O interessante não é propriamente a diferença sexual, mas a forma como essa diferença é representada ou valorizada, aquilo dito ou pensado sobre a mesma.

Gênero e sexo são conceitos bem diferentes, já que sexo remete-se às diferenças anatomo-fisiológicas existentes entre os homens e as mulheres; e gênero, por sua vez, remete-se à maneira assumida pelas diferenças entre mulheres e homens nas diferentes sociedades, no transcorrer da história (CARVALHO; BASTOS, 2004). Assim, é preciso compreender os gêneros como algo em construção contínua dentro da sociedade e, portanto, depende da história e das circunstâncias (LOURO, 2000).

Nesse sentido, Carvalho e Bastos (2004) descrevem a escola, hoje, como espaço social para a formação de homens e mulheres, caracterizando-o como um espaço generificado, atravessado pelas representações sociais e de gênero. Em nosso país esse espaço foi, a princípio, predominantemente masculino e da raça branca. Com a evolução social e cultural a escola viu-se obrigada a acolher meninos de outras etnias e mulheres. A escola foi obrigada a transformar-se.

Segundo Louro (2000), a escola modificou-se sem alterar suas características principais, como a de constituir-se como um espaço diferenciador. Soares (2003) desenvolveu um estudo sobre a influência da condição feminina na busca de escolarização na idade adulta. São mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos, com sua representatividade social delimitada.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR E A PSICANÁLISE

Em uma abordagem Psicanalítica, a educação escolar elenca o processo educacional como forma de representatividade e propõe uma interligação entre a educação escolar e a Psicanálise, instigando que ambas andam paralelamente na mesma direção, com algumas diferenças como: transmissão e ensino, mas com o intuito de existir uma importante serventia da Psicanálise para com a educação escolar, principalmente quando é demonstrado como a educação encontra-se presente, fragmentada entre os textos da teoria psicanalítica de Sigmund Freud.

Em sua obra, Freud não escreveu algo específico sobre o tema *educação*, porém em seus estudos, por diversas vezes, ele fez referências à mesma. No início de sua obra, Freud considerou a educação como tendo um papel de profilaxia das neuroses. Freud (1930/2006), a partir do conceito de ideal do ego (ou superego), sugere que o professor pode oferecer um modelo de satisfação de suas pulsões.

Freud (1930/2006), já com sua obra quase pronta, passa a considerar que a análise e a educação têm, na verdade, o mesmo objetivo: o tratamento psicanalítico. Dessa forma a educação encontra-se inserida diretamente na obra de Freud, mesmo que de forma implícita, mas viva e possibilitando mudanças no contexto educacional. Oliveira (2001) explicita que a educação escolar para adultos é formada por um grupo homogêneo de pessoas provenientes de áreas empobrecidas, filhos de trabalhadores não qualificados, com baixo nível de instrução escolar.

Segundo Souza (2000), a educação de adultos é fundamentada em três pilares: reparadora, equalizadora e permanente. A função reparadora tem como alvo aqueles adultos que não tiveram na idade adequada oportunidade de frequentar uma sala de aula ou a abandonaram em seu itinerário educacional, deixando assim uma grande lacuna na vida dessas pessoas ordinárias que não tiveram igualdade de oportunidade perante a lei.

A função equalizadora visa à entrada de todos aqueles excluídos no sistema educacional, que de alguma forma ficaram de fora do sistema educacional, procurando uma nova oportunidade como forma de garantir uma redistribuição desses alunos. A função permanente, ou qualificadora, como também é chamada, busca propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida. Esta função é um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a igualdade, a diversidade e a solidariedade. Também objetiva uma educação significativa para adultos que, em razão da escolaridade interrompida e/ou defasagem cronológica em relação aos estudos, não conseguem entrar no mercado de trabalho (LIMA, 2010).



Essa é a principal função da educação: propor condição de autocrescimento, melhorando o meio onde está inserido o indivíduo que a procura. Uma educação capaz de amparar mulheres adultas e estimular a acreditarem em si, a buscar novos caminhos pessoais e profissionais, a lutar por uma sociedade mais justa, desenvolvendo seus princípios de representatividade com orgulho e serenidade, descobrindo a força oculta em seus escritos e relatos de memória, através do poder de representar-se e ser representada, do poder do empoderamento.

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER

A concepção do termo *representação social* refere a uma imitação mental, é uma forma de trabalho e ação da Psicanálise. É através do ato de representar que somos capazes de evocar uma pessoa, uma ideia, um objeto ou uma situação na sua ausência. O psicanalista e pesquisador Moscovici (2003) identificou dois processos formadores das representações sociais: a objetivação e a ancoragem. A objetivação é um processo através do qual as representações complexas e abstratas tornam-se simples e concretas. A objetivação refere-se à função de transmutar um sentido a uma figura, oferecer materialidade a um objeto abstrato. Ancoragem corresponde a um modo de encontrar um lugar para encaixar o não familiar, o incomum, o diferente e lhe atribuir um sentido.

Segundo Moscovici (op. cit.), entre várias funções das representações sociais, destacam-se quatro: função de saber (as representações sociais oferecem uma explicação e um sentido à realidade), função de orientação (tem a incumbência de explicação, reflete ao nível da ação), função identitária (as representações sociais permitem ao sujeito construir uma identidade social, posicionando-se em relação aos outros grupos sociais, ou seja, as representações sociais permitem distinguir o grupo que as origina dos outros grupos) e função de justificação (permite aos sujeitos explicarem e justificarem as suas opiniões e os seus comportamentos).

RELATOS DE MEMÓRIA: MULHERES QUE ESCREVEM SOBRE SI

O falar sobre si é para as mulheres o espaço de fortalecimento da identidade de construir uma história pessoal, estabelecendo laços de amizade, inclusive com outras mulheres que se identificam com a sua história de vida, práticas pouco estimuladas pela cultura machista, presente nas diversas instituições nas quais a mulher encontra-se inserida. A escola, por exemplo, é um dos mais importantes espaços formativos, mas não costuma criar elos entre o universo do falar sobre si e o escrever sobre si. Ela é estruturada para repassar conhecimento e que seu público absorva de forma coletiva esses preceitos. A instituição de ensino limita-se, ao máximo, a abrir espaços para

novas formas de conhecimentos não presentes na grade curricular. Para as mulheres, escrever é apropriar-se da arte para oferecer visibilidade à sua própria história e, com isso, também ter a possibilidade de fazer migrar fatos escondidos no privado para o mundo público.

Parece natural pensar na escrita sobre a vida particular como uma atividade feminina, pois ainda hoje continuam tantas vezes encarceradas em espaços particulares. Justamente visando compreender o sistema de referências em relação aos escritos dessas mulheres, buscou-se o entendimento sobre o que essas senhoras construíram em seus imaginários com relação ao próprio significado da importância da educação e outras fontes de sabedoria, seus traumas, a significância do ser e do saber como forma identitária, justificadora e reparadora em seus escritos de mulheres que escrevem sobre si, desenvolvendo segmentos internos antes nunca explorados, empoderando-se do seu corpo, dos seus sonhos, de sua significância para a vida. Dessa forma representando-se para consigo mesma e para o mundo.

PRECEITOS DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E AS CONDIÇÕES SOCIOEDUCATIVAS DAS MULHERES

A pesquisa foi fundamentada em uma análise qualitativa, explicitada numa estratégia de investigação social e comportamental das referidas alunas. O procedimento deste trabalho foi dividido em algumas etapas. Iniciando-se com a escolha das mulheres pesquisadas por faixa etária. Dez mulheres adequaram-se às exigências estabelecidas como: idade, morar na comunidade do entorno da escola, entender e concordar com as condições de exposição que a pesquisa poderia causar.

Depois foi proposto a essas mulheres elaborarem um memorial, onde deveriam narrar sua história, desde as primeiras lembranças, suas alegrias, dificuldades, frustrações, tudo remetente ao mundo pessoal e escolar percorrido em sua infância e juventude, passando pelos eventuais motivos que as levaram a escolher outros caminhos até seu retorno à escola, depois de anos desenvolvendo outras atividades, o que as levaram a retornar para o espaço escolar e como elas se veem hoje.

Dos memoriais escritos pelas mulheres pesquisadas, foram numerados de forma aleatória de um a 10, para resguardar a privacidade e intimidade destas, prezando pela ética e a confiabilidade da pesquisa. E para finalizar, consistiu em examinar e analisar os escritos dos memoriais com base nos estudiosos e especialistas da área de Educação, Psicanálise, Gênero e Representação Social, transcrevendo de forma fiel e idêntica os relatos das referidas pesquisadas, sem modificar sua forma ortográfica e gramatical, mantendo sua total originalidade, pureza e imparcialidade.



DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O que será vivenciado nestes escritos e relatos orais sobre essas mulheres corresponderá a muitas falas silenciadas durante o transcorrer de suas vidas. Revelando uma visão íntima da história destas, dentro de suas próprias histórias de vida. Mas afinal, quem são essas mulheres que frequentam a educação escolar na fase Adulta? Essa pertinente pergunta é respondida por elas mesmas em seus escritos nos memoriais:

A história citada faz parte da vida de uma mãe, e mulher chamada XXXX, que tem por objetivo concluir algumas, que não puderam, que no seu passado, infância e adolescência lhe faltou conquistar, hoje anseia estes sonhos. (sic) (PESQUISA Nº 03).

Minha história começa assim eu nunca tive uma infância feliz quando eu estava com 2 anos meu pai foi embora e deixou minha mãe e as minhas duas irmãs. (sic) (PESQUISA Nº 05).

O sonhar na vida dessas mulheres ainda é o que resiste. Depois de traumas de tanto trabalho, tanta responsabilidade, de ser a viga de sustentação de sua família, não podendo sequer tecer qualquer tipo de reclamação, só restou para estas o ato de sonhar. Apesar da responsabilidade carregada em seus ombros, por demais pesada, mesmo assim, ainda persiste o sonho. O não entender o que realmente é indica uma não aceitação do que se representa e/ou como está sendo representada pelos outros. Conforme Abric (1998), o ato de representar vai determinar seus comportamentos e suas práticas. O fundamental no êxito da influência social é o estilo de comportamento adotado pelo agente ou aquele que busca liderar (MOSCOVICI, 2003).

É importante ressaltar que nos relatos de todas as pesquisadas, não foi constatado nenhum tipo de trauma e ou problema em questão do ambiente escolar e ou seu espaço como ambiente social, formativo e educativo. Pelo contrário, todas trazem em suas lembranças, imagens e recordações de fatos e situações importantes para a sua formação psicológica, lembranças estas que reestrutura uma ideia de segurança que em alguns casos supriu a função que o ambiente familiar se negou a criar.

Quando se refere ao motivo pelo qual essas meninas-mulheres enveredam por outros caminhos e tiveram que interromper sua caminhada educacional, são citados inúmeros fatores, dos mais prováveis aos mais injustos, como as condições econômico-sociais enfrentadas pela família,

mudança de local de moradia, gravidez, casamento, trabalho, dificuldades de acompanhar a rotina de estudos imposta pela escola, dentre outras.

Estudei o primeiro mês, que foi suficiente para que eu aprende-se a escrever meu 1º nome..., mais depois do 1º mês meu pai me retirou da escola, era tempo de chuva, tinha que plantar para que pude-se comer. Voltei a estudar com 10 anos mais foi por pouco tempo... Já estava com 20 anos procurei uma escola e me matriculei sem avisar ao meu marido, tocava no assunto ele ficava agressivo e me espancava... Para não morrer tive que deixar mais uma vez a sala de aula. (sic) (PESQUISA Nº 07).

Na 6ª série conheci uma pessoa muito especial e me envolvi com ele. Acabei ficando grávida ... desisti do estudo. (sic) (PESQUISA Nº 01).

Para a representação social esse fator é explicitado por Moscovici (2003) como uma função justificadora das tomadas de posição e dos comportamentos por parte dos sujeitos. Questionadas sobre o período em que estiveram longe da escola, as alunas expressaram seus históricos.

Fui cuidar de casa e de filhos... trabalhei muitos anos sem ter condições de voltar a estudar... (sic) (PESQUISA Nº 02).

Comecei a trabalhar como babá com 13 anos... eu ficava com inveja quando as meninas da minha idade passava para ir a escola e eu lá tomando conta dos filhos dos outros, mim deu uma revolta eu chorava muito pedia muito ao senhor que um dia eu ia sair daquela vida humilhante...(sic) (PESQUISA Nº 08).

Ao elucidar sobre o retorno à sala de aula, depois de vários anos, essas mulheres demonstram entusiasmo, perseverança, superação e desafios. Enfatizaram o poder transformador e representativo que a educação pode proporcionar à vida de cada uma delas.

Comecei a estudar em 2008 terminei um ano todo nunca pensava que eu tinha capacidade de está onde estou hoje, terminado meu ensino médio eu sou uma vitoriosa uma guerreira com muita força de vontade e garra de estudar. (sic) (PESQUISA Nº 08).

Minha mãe me convidou a voltar para a escola, e ela também iria para me acompanhar. Respondi que não sentia vontade de fazer mais nada, mas ela falou com tanto carinho que me convenceu. Voltamos a estudar eu e minha mãe... Já conclui o ensino fundamental, faço o segundo ano com minhas filhas... Minha família toda estuda, minha mãe, eu e meus filhos. (sic) (PESQUISA Nº 04).

Essas mulheres demonstram um interesse em ter uma identidade profissional, algo que as norteie e possa proporcionar e oportunizar uma melhoria em seu mundo social e familiar.

Vou fazer um curso profissionalizante. Tenho um sonho de fazer auxiliar de enfermagem, pois gosto muito de ajudar as pessoas. (sic) (PESQUISA Nº 06).

Pretendo fazer o curso de serviço social e vou fazê-lo... (sic) (PESQUISA Nº 04).

As falas dessas mulheres guerreiras transcendem a manifestação de seus sonhos sob forma material, eles tornam-se possíveis e através destes mesmos sonhos revigoram suas esperanças em um futuro. Seus sonhos, seus desejos, são consequências de uma luta diária para serem reconhecidas como elas realmente são, e não pelo o que a sociedade impõe. Que essas falas jamais sejam silenciadas, seus desejos jamais sejam cessados e seus sonhos sejam fecundos e sólidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação escolar elenca o processo de representatividade como forma educacional em uma abordagem psicanalítica, com isso este trabalho vislumbrou a função significativa destes mundos (Psicanálise, gênero e educação escolar), realizando análises e reflexões sobre a ideia da representação social e a educação escolar como ação transformadora e reparadora na vida destas mulheres/alunas como forma propulsora para o empoderamento dessas mulheres pesquisadas.

Os resultados obtidos foram identificando motivos distintos que levaram as mulheres a desistirem de estudar: desagregação familiar, casamento, maternidade prematura, mudança de domicílio, necessidade de ajudar na renda familiar, dentre outros. Quanto ao reingresso destas mulheres/alunas à escola, o mesmo foi associado, no ponto de vista psicanalítico, a uma escolha. Nos relatos de todas as pesquisadas não foi constatado qualquer tipo de trauma e/ou problema em questão do ambiente escolar e/ou seu espaço como ambiente social e educativo.

Pelo contrário, todas trouxeram em suas lembranças imagens e recordações de fatos e situações importantes para a sua formação psicológica, lembranças estas ressignificadas que reestruturaram uma ideia de segurança, as quais em alguns casos supriu a função que o ambiente familiar negou-se a criar. Essa visão psicanalítica evidenciou a força das conjunturas educacionais e sua importância social e representativa como propulsão para o empoderamento destas.

O reingresso à escola para estas mulheres foi impactante, à procura de melhoria nas condições de vida, ampliação da visão de mundo, elevação da autoestima, desejo de inclusão no mercado de trabalho, sonho de cursar uma universidade, remetendo-se ao processo de empoderamento das mesmas. O processo de empoderamento promoveu transformações importantes

no pensamento e na forma dessas mulheres perceberem o mundo, pois passaram a ver uma cultura inacessível as mesmas nesse ponto. Complementando, a Psicanálise demonstrou que a educação escolar e seu espaço formativo e representativo modificaram as características sociais destas, pontuando a importância da escola como um ambiente de representatividade e de descoberta psicossocial.

Estas se representaram no simples fato de voltarem a estudar, despertando o hábito de sonhar, descobrindo que nunca é tarde para recomeçar, orgulhando-se por serem mulheres que, depois de muitas batalhas contra o sexismo, conseguiram firmar-se como cidadãs, serem reconhecidas pela capacidade de emanciparem-se dos medos, e hoje buscando novos sonhos e novas perspectivas, empoderando-se não só como mulher, mas como ser social e econômico.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. **A abordagem estrutural das representações sociais**: Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia – GO: AB, 1998.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CARVALHO, A.; BASTOS, L. **Um olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: PEMJA, COLTEC, UFMG: 2004.

FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (1930). In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmundo Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Totem e Tabu e Outros Trabalhos, v. 13).

LIMA, Elza Maria Ribeiro de. **Concepção dos professores no processo de ensino e aprendizagem**. Campina Grande – P B, 2010.

LOURO, G. L. **Gênero e Magistério**: identidade, história, representação. São Paulo: Escrituras, 2000.

MOSCOVICI, S **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. São Paulo: Ação Educativa, 2001.

PRIORE, M. D. **História das mulheres**: As vozes do silêncio. Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 1998.

SOARES, L. **Aprendendo com a diferença:** Estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUZA, João Francisco de. **A Educação de Jovens e Adultos no Brasil e no mundo.** Recife: UFPE – CE NUPEP –PE, 2000.